

AS FLUTUAÇÕES DOS PREÇOS E AS FAZENDAS ESCRAVISTAS DE SÃO JOÃO DEL REI NO SÉCULO XIX

Afonso de Alencastro Graça Filho¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a dinâmica conjuntural e estrutural de uma importante região da província mineira. Para isto, utilizamos os resultados de pesquisas demográficas e econômicas recentes, com o intuito de revisar a imagem, ainda presente na historiografia, de decadência da Comarca do Rio das Mortes nos Oitocentos, após o declínio da extração aurífera.

Ainda, como parte desta discussão, ressaltamos o aspecto diferenciado da estrutura agrária da região, em que a pequena produção camponesa convivia com médias e grandes unidades escravistas voltadas para a economia de abastecimento. Enfatizamos, portanto, a existência de realidades distintas no seio da economia provincial mineira, com regiões possuindo uma capacidade maior para repor e manter sua estrutura produtiva.

Descartadas as teses da decadência oitocentista, procedemos um estudo de preços, fundamentado nos registros da Santa Casa de Misericórdia de São João Del Rei, para sugerir as flutuações conjunturais que teriam marcado a trajetória econômica da comarca sanjoanense.

1 INTRODUÇÃO

A preocupação com a pesquisa de preços e salários para a província de Minas Gerais foi exposta, ainda no início dos anos setenta, por Francisco Iglésias (Iglésias, 1973, p. 375-389). No seu entender, a quantificação serial das variáveis econômicas permitiria a construção de uma história cada vez mais objetiva, fundada numa visão menos impressionista que a tradicional,

¹ Doutor em História pela UFRJ e prof. adjunto da FUNREI. Este artigo condensa partes de minha tese de doutoramento, defendida em 1998.

mas que teria sérios desafios a enfrentar. A restrita circulação monetária na economia mineira, com um amplo comércio baseado na simples troca e a prática de pagamentos indiretos do trabalho, em gêneros ou parte da produção, dificultaria o cálculo dos preços e salários.

Naqueles anos, a discussão sobre a história quantitativa enveredou pelos caminhos da construção de uma contabilidade nacional retrospectiva de longa duração, animada pelas possibilidades estatísticas da elaboração de modelos econométricos capazes de se contraporem à cronologia factual já estabelecida.

A ambição de uma contabilidade nacional construída através de múltiplas variáveis e que controlasse as explicações causais, às vezes se limitando às equações matemáticas e deixando de lado os agentes econômicos e sociais não quantificáveis (os chamados “fatores aleatórios”), foi bastante criticada por historiadores como Pierre Vilar, Vitorino Magalhães Godinho, Witold Kula e outros (Vilar, 1983, p.58-78; Godinho, [s. d.]; Kula, 1973). Para eles, o objetivo de uma análise histórica globalizante não poderia se restringir a uma “história econômica” em *stricto sensu*, incorrendo num reducionismo a refinadas técnicas da econometria. O simples manejo de índices econômicos não autorizaria a formulação de teorias totalizantes.

Mais recentemente, tendências historiográficas como a da micro-história, que privilegiam a abordagem fragmentar da realidade histórica, têm criticado a investigação quantitativa de longo período. Por exemplo, Carlo Ginsburg (Ginsburg, 1991) aponta a dificuldade da perspectiva de longa duração em apreender os problemas cotidianos da sobrevivência. O significado a curto prazo dos preços, meios de subsistência e mortalidade não poderia ser apreendido por médias decenais, médias móveis, calculadas pelo historiador.

No entanto, afora o questionamento pertinente sobre a redução da realidade conjuntural pelas técnicas estatísticas, como compreendermos a curta duração sem a sua inserção numa temporalidade maior? Esse dilema parece incomodar outros adeptos da história cultural, como Roger Chartier e Robert Darton, que acabam por reconhecer a necessidade das pesquisas sobre as estruturas socioeconômicas para a análise das concepções culturais produzidas pelos sujeitos históricos (Chartier, 1994, p. 97-113; Darnton, 1988).

Levando-se em consideração os problemas apresentados sobre a utilização dos métodos estatísticos, adotamos uma concepção menos pretenciosa para o nosso trabalho, com um objetivo muito particular: o de pontuar as conjunturas econômicas de São João Del Rei e da Comarca do Rio das Mortes

no século passado. Mas antes do estudo de preços, gostaríamos de discutir algumas concepções sobre a dinâmica estrutural desta região.

2 A TESE DA “DECADÊNCIA MINEIRA” APÓS A ERA DO OURO E A COMARCA DO RIO DAS MORTES

A tese da “decadência mineira” nos Oitocentos, advinda do esgotamento da economia mineradora na segunda metade do século XVIII, tem raízes antigas na historiografia brasileira². Sua versão mais conhecida foi exposta por Celso Furtado, que a concebeu de forma geral e de rápida regressão a uma simples economia de subsistência, com a desagregação e descapitalização das grandes empresas escravistas, impedidas de repor a sua mão-de-obra. A imagem resultante seria a de atrofiamento dos núcleos urbanos e dispersão populacional em comunidades isoladas, “trabalhando com baixíssima produtividade numa agricultura de subsistência” (Furtado, 1982, p. 84-86).

Outra versão da decadência mineira pode ser encontrada em Francisco Iglésias (Iglésias, 1993, p. 80), na qual a situação insular da capitania e a impossibilidade do industrialismo barraram as alternativas para a estagnação da economia mineira, até meados do século XIX. Em outros autores, como Caio Prado Jr., Sérgio B. de Holanda, Mafalda P. Zemella e José F. Carrato (Prado Jr., 1981, p. 78, 162 e 163; Holanda, 1982, p. 306-307; Zemella, 1990, p. 221-222; Carrato, 1968, p. 246-247), a região do Sul de Minas é considerada como uma exceção no quadro decadência mineira, onde a agricultura e a pecuária conseguiram se estabelecer num nível mais elevado do que em outras regiões de economia similar.

De qualquer forma, estes autores não matizam os impactos regionais do declínio aurífero na capitania ou província de Minas Gerais. A exortação de Yedda Linhares, em 1979, por novos estudos regionalizados sobre o assunto, ainda mantém a sua atualidade (Linhares, 1979).

Os relatos de época confirmam uma situação próspera para o Sul de Minas, especialmente para a Vila de São João Del Rei, que era a sede jurídico-administrativa da Comarca do Rio das Mortes. Neles, podemos encontrar descrições semelhantes à de José João Teixeira Coelho, em 1780:

2 Um retrospecto dessa representação historiográfica pode ser obtido em Linhares (1979, p.147-171). Ver tb. (Linhares, Silva, 1981, p. 115).

“A Comarca do Rio das Mortes é a mais vistosa, e a mais abundante de toda a Capitania em produção de grãos, hortaliças e frutos ordinários do País, de forma que além da própria sustentação, provê a toda a Capitania de queijos, gados, carnes de porco, etc.” (Teixeira, [s.n.t.], p. 502).³

Ao adentrar o século XIX, a região parece ter fortalecido sua vocação agropastoril. Se dermos crédito aos dados populacionais de 1776 e 1821 apresentados por Kenneth Maxwell, a Comarca do Rio das Mortes quase triplicara seus habitantes, passando de 82.781 para 213.617 pessoas, enquanto a de Vila Rica declinara. Ao passar de 26% para abrigar 42% de toda a população da capitania, a região demonstrava uma grande capacidade econômica para assimilar a crise aurífera (Maxwell, 1978, p. 110 *et seq.*; Florentino, 1995, p. 47).

O número de negros e mulatos no Rio das Mortes passou de 21% para constituir 35% de sua população total entre 1776 e 1821, ano em que concentrara 47% (84.995 cativos) de todo o plantel mineiro. A pesquisa dos registros de passagem de tropeiros, feita por João Fragoso, revelou que nos anos de 1825 a 1833, Minas Gerais absorveu um contingente de escravos equiparável a 48,4% dos cativos desembarcados no porto do Rio de Janeiro, naquele período. Essa porcentagem superava a das áreas agroexportadoras do Vale do Paraíba e Norte Fluminense, que juntas receberam 36,5% daqueles escravos (Fragoso, 1992, p. 143).

Estas informações contradizem a hipótese da descapitalização mineira de Celso Furtado, bem como, a da manutenção da grande população mancipia em Minas oitocentista apenas pelo crescimento endógeno dos cativos herdados da Era do Ouro, graças à baixa taxa de exploração do trabalho e à mestiçagem, como propuseram Francisco V. Luna e Wilson Cano, numa nova versão da decadência mineira (Luna, Cano, 1983, p. 13).

Também, no início dos anos de 1980, a polêmica entre Roberto Martins e Robert Slenes⁴, sobre a condição econômica que Minas teria para importar seus escravos durante o século XIX, acrescentou ao debate a investigação do fluxo mercantil interprovincial com as praças do Rio de Janeiro e Bahia. Ambos os polemistas trataram os valores das exportações mineiras em

3 Outra descrição idêntica em Rocha (1995, p.127).

4 Especialmente, Martins (1980 e 1982), Slenes (1985).

cálculos *per capita*, comparando esses resultados com o movimento das exportações de províncias portuárias e do país. Do nosso ponto de vista, os estudos sobre a população escrava mineira nos faz supor uma diversidade de situações compondo o mosaico da economia mineira do Oitocentos. Assim, algumas regiões teriam uma maior capacidade de realizar importações do que outras. Estas distintas estruturas produtivas estariam subestimadas num cálculo *per capita* dos valores comercializados por Minas Gerais fora de suas fronteiras, ainda mais, quando consideramos que a população mineira chegava quase ao dobro dos habitantes do Rio de Janeiro ou Bahia, como nas estimativas populacionais de 1830 e 1872 (Fundação IBGE, 1986, p. 29).

O trabalho demográfico de Douglas Libby sobre os dados censitários de 1831-1840 demonstrou que a média de escravos nas fazendas, sítios e roças da região Metalúrgica-Mantiqueira, onde estava situada São João Del Rei, foi de 8,9 cativos, superior à de 4,3 verificada na região de Paracatu, área de pecuária extensiva, e mesmo à média de toda a província, de 7,0 escravos (Libby, 1988, p. 116-117).

Recentemente, Clotilde Paiva reafirmou esta diferenciação regional na distribuição dos cativos mineiros, segundo as listas nominativas de 1831-1832. Estavam localizadas 67,3% das 199 posses acima de 50 escravos nas áreas mais dinâmicas da Mineradora Central Oeste, Pitangui-Tamanduá e Sudeste, que incorporava São João Del Rei. Nessa última, 64% dos cativos pertenciam a posses grandes (acima de 10 cativos), destoando das demais regiões citadas, aonde havia um equilíbrio maior na concentração de escravos entre pequenas, médias e grandes posses (Paiva, 1996, p. 137-138).

A comparação entre as posses de escravos do município de São João Del Rei com outras áreas dedicadas à economia de subsistência do Rio de Janeiro e São Paulo, indicam a importante presença econômica das fazendas escravistas de alimentos na Comarca do Rio das Mortes. No município de Capivary, estudado por Hebe de Castro, nenhum dos inventários *post-mortem* de 42 maiores fazendeiros, entre 1855 e 1888, apresentaram plantéis com mais de 50 cativos e a média das posses oscilava entre 20 a 30 escravos (Castro, 1987, p. 40-41). Enquanto, em São João Del Rei, nos 103 inventários dos maiores fazendeiros do período de 1831-1885, a média de escravos por fazenda foi de 36 cativos. Esses fazendeiros detinham uma população mancípia de 3.674 seres, sendo que 54 deles possuíam plantéis de 30 ou mais cativos (dois com mais de 100 escravos) (Graça Filho, 1998, p. 125-126)⁵.

5 Incluímos, nos cálculos, os escravos incorporados nos monte-brutos como meio-dote.

Ainda sobre a distribuição dos escravos sanjoanenses, pelas listas nominativas da província de 1831-32, em nove distritos (Conceição de Carrancas, Esp. Sto. de Carrancas, Nazareth, Piedade do Rio Grande, Onça, Brumado, Cajuru, Conceição do Porto e Madre de Deus) encontramos 223 agricultores e pecuaristas proprietários de 3.447 cativos. Quatorze desses produtores tinham plantéis com mais de 50 escravos (cinco com mais de 90 cativos). Essa faixa de posses concentrava 30,6% (1.054 escravos) daquela população mancípia. Acima de 30 escravos tínhamos 35 proprietários (16% dos proprietários), somando 1.854 cativos (53,8% dos escravos arrolados). Entre 10 a 30 escravos se situavam 62 proprietários, com o total de 1.078 escravos (31,3%). Por fim, igual ou abaixo de 10 escravos tínhamos 131 proprietários (57%) com apenas 565 escravos (16,4%). Importante, também, assinalar que encontramos 61 agricultores sem escravos (Graça Filho, 1998, p. 128-129).

Temos, então, uma região de agricultura de subsistência atípica em relação a zonas policultoras do Rio de Janeiro e S. Paulo. Para alguns municípios paulistas, como em Lorena, zona de agricultura de subsistência, 162 propriedades do ano de 1801 possuíam 912 escravos, 53,4% deles vivendo nas maiores unidades, com 10 a 41 escravos (Costa, Slenes, Schwartz, 1987, p. 245 et seqs.). Já na agricultura de subsistência de Campinas, Guaratinguetá, Itu e São Sebastião, em 1804, os senhores com até 5 escravos representavam 71,79% dos proprietários e detinham 35,02% da escravaria (Luna, Costa, 1983, p. 211-221). Em Bananal, no ano de 1801, os proprietários de 1 a 29 escravos detinham 69,1% dos escravos e em 1817, 56,9%. As posses com até 10 escravos representavam, respectivamente, 21,7% e 28,8% da população mancípia. Durante estes anos, as posses de não-produtores eram insignificantes em Bananal (Motta, 1999, p. 128 e 168).

Comparativamente, os percentuais acima são inferiores aos da concentração de escravos nas médias e grandes posses dos produtores sanjoanenses.

Com relação ao movimento mercantil da Comarca do Rio das Mortes, outras informações reafirmam o seu bom desempenho econômico.

João Fragoso, ao comparar os números das reses, toucinhos e carne salgada exportadas de Minas Gerais no período de 1818-1819, com as saídas dos mesmos produtos pelo Registro do Presídio do Rio Preto, no ano de 1828, verificou um aumento de mais de 170% naquelas exportações. Mais surpreendente foi desempenho das vendas de tecidos de algodão mineiros, com um crescimento de 4.120% entre 1824-1830.

O Registro do Presídio do Rio Preto se localizava na estrada que ligava São João Del-Rei ao Rio de Janeiro, sendo um dos mais importantes caminhos do escoamento da produção mineira (Fragoso, 1992, p. 140-143).

Outro indicador da prosperidade regional pode ser a soma dos valores declarados nos inventários *post-mortem* de São João Del Rei. É interessante observar a comparação entre a massa dos montes brutos inventariados na primeira metade do século XIX, em São João e em Salvador, uma cidade portuária ligada à agroexportação. O somatório das fortunas baianas de 1801-1850, realizado por Kátia Mattoso, foi de 4.534:258\$000 réis para 395 inventários, enquanto nossa amostragem para 1831-1855 somou 3:937:481\$206 réis em 383 inventários (12 inventários a menos). Os montantes de riqueza movimentados nas duas regiões se aproximavam, ainda que as datas das amostras não sejam totalmente coincidentes e os valores não estejam deflacionados (Mattoso, 1992a, p. 611; Graça Filho, 1998, p. 166).

3 A HIPÓTESE DA DECADÊNCIA DO SUL DE MINAS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Ao descartarmos a tese de decadência para a Comarca do Rio das Mortes, enfrentamos o desafio de descrever a dinâmica econômica dessa região na segunda metade do século XIX. Neste caso são poucas as referências historiográficas.

Em Alcir Lenharo, a trajetória do Sul de Minas é descrita como a de perda gradual de sua importância econômica a partir de meados do século XIX, refletindo a ascensão do barões do café e o descenso político dos liberais moderados na Corte, que possuíam uma forte representação entre a elite sul-mineira. A revolta liberal de 1842 marcaria o momento decisivo desse refluxo político, cuja base econômica havia sido minada pela concorrência de novas áreas produtoras de subsistências que surgiram em Minas, além do avanço da participação de São Paulo, Goiás, Rio Grande do Sul e de pequenos produtores fluminenses (Lenharo, [s. d.], p. 133-139).

É preciso relativizar a relação entre a esfera econômica e a política, bem como, a contraposição cafeicultura *versus* economia de abastecimento do Sul de Minas. Como vimos, a Comarca do Rio das Mortes alcança uma situação próspera durante as décadas de 1830 e 1840, quando o Brasil já se destacava como primeiro produtor mundial de café.

O marco cronológico do movimento liberal de 1842 também pode dar margem a interpretações equivocadas em relação a economia sanjoanense, como a de uma perda do poder econômico por seus negociantes e fazendeiros, partícipes da sedição⁶. No entanto, nas memórias do cônego José Antônio Marinho (Marinho, 1978, p. 287-288)⁷, os revoltosos mais importantes foram isentados de processo e suas famílias permaneceram na cidade, continuando a formar a sua elite agrária e mercantil. Bastando citar, entre outros, os negociantes José Maximiano Baptista Machado e o fazendeiro Prudente Amâncio dos Reis. Por outro lado, nem toda a elite mercantil sanjoanense aderiu aos sediciosos, não tendo motivos para abandonar a cidade, como foi o caso de Martiniano Severo de Barros e do iminente negociante e financista Francisco José Alves de S. Thiago, cunhado do liberal José Maximiano e acusado de desmandos contra os insurgentes fracassados.

Outra indicação sobre a conjuntura pode ser obtida em Robert Slenes que, com base nos valores *per capita* das exportações não-cafeeiras de Minas, registra uma queda significativa dessa razão entre os anos de 1819 e o de 1845, decaindo ainda mais em 1873.

De 1850 até o fim do Império, o setor de mineração e as exportações de pano de algodão sofreram um declínio acentuado, atingindo a economia de grande parte do interior mineiro, especialmente aquelas áreas mais integradas ao mercado do Rio de Janeiro, como o Sul de Minas. Por outro lado, as exportações mineiras de café começavam a despontar na segunda metade do século XIX, expandindo sua cultura rapidamente na Zona da Mata durante as décadas de 1870 e 1880 (Slenes, 1985, p.43-63).

Para a nossa cronologia, cabe salientar que verificamos uma crise econômica em São João Del Rei na década de 1860, mas não podemos denominá-la como um processo de decadência generalizada. Em 1861, o município ainda mantinha sua posição econômica no âmbito da província, sendo o segundo em arrecadação fiscal (Giroletti, 1988, p. 47).

6 Como exemplo desse equívoco, ver Campos (1998, p. 75-76). Embora a autora não tenha como tema central a economia dessa região, identifica o seu declínio com a fuga de capitais ocorrida pelo estigma da derrota liberal junto aos seus negociantes, que se transferiram para outras áreas.

7 José Maximiano Batista Machado foi inventariante de sua mãe, Ana Joaquina dos Santos, em 1852 e Prudente Amâncio dos Reis faleceu em 1885, ostentando a patente de coronel, proprietário de 25 escravos e bens avaliados em 112:815\$000 réis.

Também podemos situar São João Del Rei no plano da produção mineira, comparando os números fornecidos pelo relatório da presidência da província sobre a pecuária mineira e os da Câmara Municipal de São João Del Rei⁸, sobre as exportações do município em 1854.

Nesse ano, o preço médio do gado para consumo variava entre 35 e 40\$000 e as exportações mineiras de gado vacum foram de 75.020 cabeças, segundo o mesmo relatório da presidência da província. Se aplicarmos o valor médio de 40\$000 para a cabeça de gado, teremos a receita total aproximada de 3.000.800\$000. Por conseguinte, apenas as exportações de bovinos do município sanjoanense, de cerca de 334.000\$000, representariam 11% daquela estimativa.

Quanto ao toucinho e carne salgada, que somaram 229.769 arrobas exportadas, se aplicarmos o preço médio anual das pautas semanais da mesa do consulado da Corte (Soares, 1977, p. 288), principal mercado para estes produtos, teríamos um valor correspondente a 1.833.556\$620. É claro que se trata de um cálculo superestimado dos valores dessas exportações mineiras, ainda assim, as exportações sanjoanense de toucinho, da cifra de 421.000\$000, significariam 23% de todo o toucinho exportado por Minas Gerais em 1854. E se considerarmos o total exportado por São João Del Rei, incorporando a produção de outros municípios atravessada pelo seu comércio, nos valores totais de 354.000\$000 para o gado vacum e 678.000\$000 para o toucinho e carnes salgadas, chegaremos às cifras respectivas de 12% e 37% na participação das exportações mineiras nos dois artigos mais importantes dessa pauta⁹.

Outras evidências demográficas para o município, entre 1833 e 1855, fornecidas por Clotilde Paiva e Tarcísio Botelho (Paiva, Botelho, 1995, p. 99)¹⁰, mostram um crescimento médio anual de 2,69% para a população li-

8 ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. *Códice Sp.* 655. Resposta ao Inquérito sobre a indústria pecuária em Minas Gerais pela Presidência da Província. Ouro Preto, 21 de dezembro de 1857. ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. *Códice Sp.* 570, Resposta da Comissão nomeada pela Câmara Municipal de São João Del-Rei, em sessão de 10 julho, para os ofícios relativos à circular da Exma. Presidência da Província, São João Del Rei, 12 de junho de 1855.

9 Em 1818/19, o gado vacum (78% exportados para o RJ.), porcos (89% idem), queijos (57% idem), tecidos de algodão (96% idem) e toucinho (97% idem) representavam mais de 57% do valor das exportações mineiras. Em 1842/43, as vendas mineiras de bovinos, porcos e derivados compunham 61,6% dos valores da pauta de exportação. Ver, Brown (1986, p. 477, 513-514) e Fragoso (1992, p. 106).

10 Os autores trabalharam com dados parciais, e ainda que nos alertem para a homogeneidade do conjunto dos distritos no tempo, não dizem quais são.

vre (de 6.846 para 12.367 pessoas) e de 3,95% para a escrava (de 3.150 para 7.514 cativos). São dados parciais, referentes a alguns distritos, mas que apontam uma situação favorável para o município no início da segunda metade do século XIX.

No entanto, pelas informações demográficas de Roberto Martins, o número de escravos no município sanjoanense diminuíra de 6.985, em 1856, para 6.220 em 1861. Mas, pelo censo de 1872, São João aparece com 7.584 escravos, recuperando-se das perdas através de novas importações (Martins, [s.n.t.], p. 119 e 125).

Ainda com base em números de Roberto Martins, a região Metalúrgica-Mantiqueira, que englobaria o município de São João Del Rei, apresentou um saldo negativo de transferência de -6.623 escravos entre 1880 e 1884, e de -233 escravos entre 1884 e 1886 (Martins, 1982, p. 34; Andrade, 1991, p. 113).

Em resumo, o município só veio a sofrer um decréscimo de sua população mancipia, nas décadas de sessenta e oitenta, ao contrário das conclusões de Alice Cardoso (Silva, 1988, p. 53), que aventou uma decadência crescente da população cativa entre 1854 e 1872, devido à expansão cafeeira no Sul e Zona da Mata.

Pelos inventários *post-mortem* de São João Del Rei, as riquezas inventariadas entre os quinquênios de 1841-45 e 1851-55 se elevam, permanecendo no mesmo patamar em 1861-65 e declinam a partir de 1871-75, como representamos no quadro abaixo:

Σ Inventários	Quinquênios	Σ Montes brutos (em £)
150	1831-35	118.876
104	1841-45	115.764
129	1851-55	253.701
135	1861-65	258.646
159	1871-75	238.174
126	1881-85	156.624

Desta forma, os últimos anos do Império foram de grande expectativa para as atividades econômicas do município. A cafeicultura fluminense entrara em crise, representando uma retração no principal mercado consumidor dos produtos de subsistência sanjoanenses. Por outro lado, a abertura de novas estações ferroviárias nos distritos próximos, com a chegada da E. F. Oeste de Minas em 1881, debilitaria a primazia da sua praça comercial na intermediação das mercadorias produzidas no município e proximidades. Além disto, o

seu papel de centro financeiro da comarca se arrefeceria diante da concorrência de novos estabelecimentos bancários que seriam fundados em Minas.

Mesmo assim, o capital acumulado pelo comércio sanjoanense, no transcurso da segunda metade do século XIX, possibilitou o surto de investimentos vivenciado pela cidade na época do Encilhamento (1890-1891), que foi descrito pelo periódico *A Pátria Mineira*, da seguinte maneira:

*“No decurso dos dous anos últimos têm-se construído em nossa cidade mais de cem prédios; abriram-se diversos hotéis, sendo um deles o Oeste, de primeira ordem; fundaram-se duas companhias industriais e um banco, empresas essas que já estão funcionando; estabeleceram-se mais três relojoarias, duas no mês passado; mais três alfaiatarias, diversas oficinas de sapateiros; três institutos de educação, sendo dous para meninos e um para meninas; organizaram-se diversas associações, sendo duas de beneficência; finalmente abriu-se mais uma rua, a da Mangueiras. Por outra parte, apesar do aumento das construções, não se encontram prédios desocupados; os aluguéis das casas e dos domésticos tem subido de preço; há emprego e serviço para quantos procuram trabalho e, não obstante o alto preço de todos os gêneros, tem desaparecido em grande parte a mendicância...”*¹¹

4 GRÁFICOS E ANÁLISE DAS FLUTUAÇÕES DOS ÍNDICES GERAIS DE PREÇOS

O estudo de preços, que apresentaremos, se baseou nas mercadorias registradas mensalmente nos livros de receita e despesa da Santa Casa de Misericórdia de São João Del Rei.

A partir da média anual dos preços elaboramos os índices efetivos de preços, tendo como base de cálculo a média de todos os registros, de 1814-1905 (=100).

¹¹ *A Pátria Mineira*. São João Del Rei, 18 fev. 1892.

Devido à inexistência de índices de inflação confiáveis para o período, deflacionamos os preços nominais pelas variações cambiais do real em libra inglesa (ano base de 1814 = 100), apesar de ser questionável o seu uso¹².

Além disto, estamos conscientes das críticas de Labrousse sobre a utilização de registros contábeis provenientes de instituições hospitalares, como a Santa Casa, por não corresponderem a operações realizadas no mercado. Essas compras às vezes gozavam de privilégios, ou seja, estavam abaixo dos preços correntes. Já E. J. Hamilton, defensor do uso dos registros de instituições hospitalares, considerou esses preços como intermediários entre os de atacado e varejo (Godinho, [s. d.], p. 113-114; Mattoso, 1992b, p. 295-296; Hamilton, 1975).

Ainda assim, acreditamos que nosso estudo pode fornecer uma idéia aproximada da marcha dos preços em São João Del Rei. Para isto, construímos três índices deflacionados de preços gerais, não-ponderados. O primeiro índice foi composto por quatro mercadorias importadas de outras províncias: o sal, o bacalhau, a farinha de trigo e o café. O segundo, por nove produtos de origem local: o toucinho, a carne, o açúcar, a farinha de mandioca, a galinha, o arroz, o milho, o feijão e o fubá. E por fim, um índice geral com os treze produtos. Para ilustração das variações de preços nominais e deflacionados construímos os Gráficos 1 a 4.

Através dos índices de preços deflacionados, localizamos os seguintes ciclos de média duração:

CICLOS MÉDIOS DOS PREÇOS DEFLACIONADOS (13 PRODUTOS – MÉDIAS MÓVEIS)

Alta	Duração	Máxima	Baixa	Duração	Mínimo
1829-1836	7	1834	1814-1829	15	1816
1845-1860	15	1859	1836-1845	9	1836
1866-1875	9	1866	1860-1866	6	1864
1884-1891	7	1889	1875-1884	9	1875
1900-1905	5	1900	1891-1900	9	1891

Obs: Os anos de máximo e mínimo se referem à intensidade dos desvios absolutos.

12 Sobre esta discussão, ver Luz, Peláez (1972) e Perruci (1978, p. 162-164). Outras informações sobre a metodologia utilizada no estudo apresentado aqui, ver Graça Filho (1998).

Gráfico 1

ÍNDICES GERAIS DE PREÇOS NOMINAIS E DEFLACIONADOS
BASE 1814-1905=100

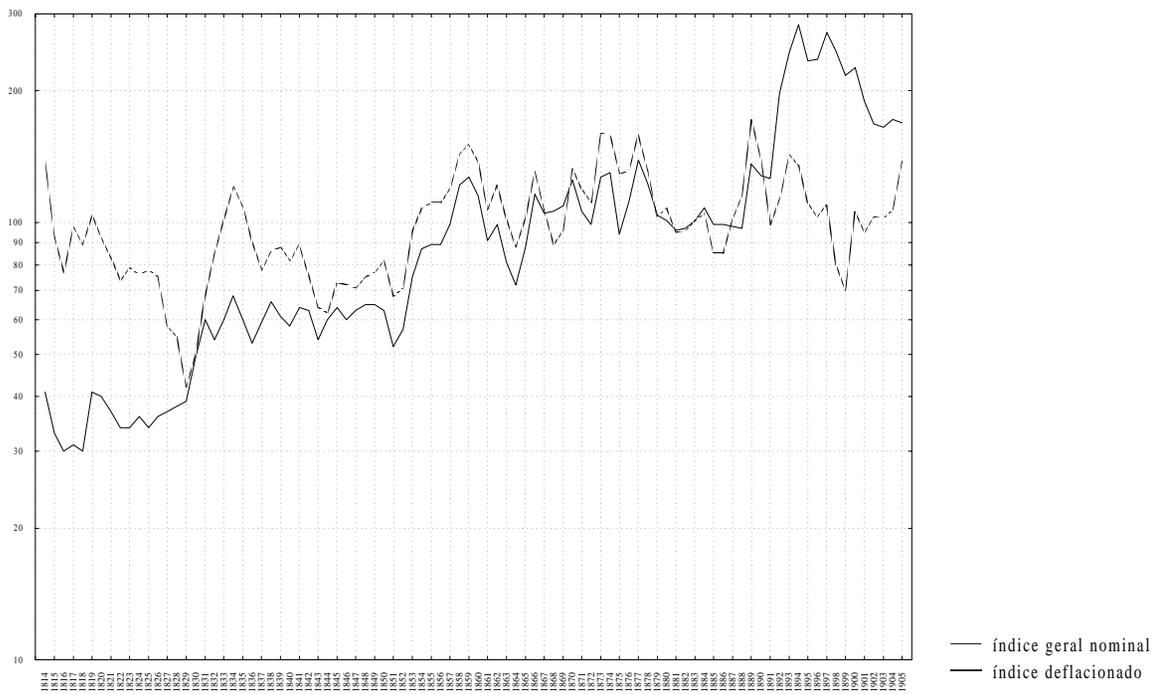


Gráfico 2

ÍNDICES GERAIS DE PREÇOS NOMINAIS (não ponderados)
MÉDIAS MÓVEIS QÜINQUÊNAIS (1814-1905)
base 1814-1905=100

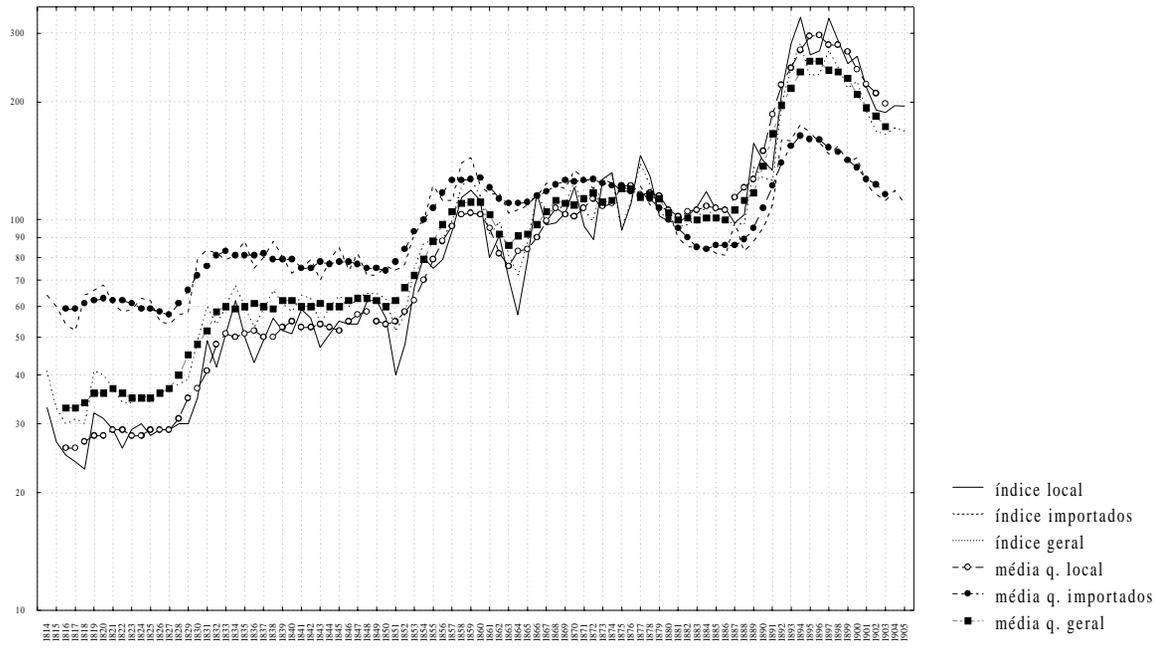


Gráfico 3

ÍNDICES DE PREÇOS DEFLACIONADOS (não ponderados)
MÉDIAS MÓVEIS QÜINQUÊNAIS (1814-1905)
base 1814-1905=100

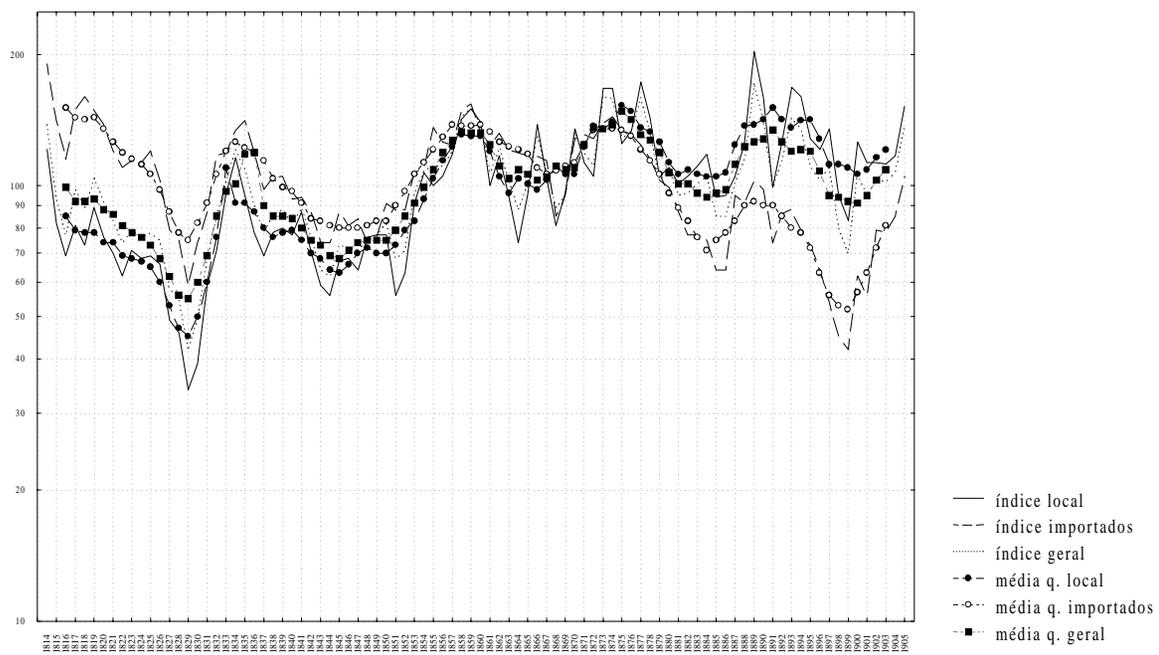
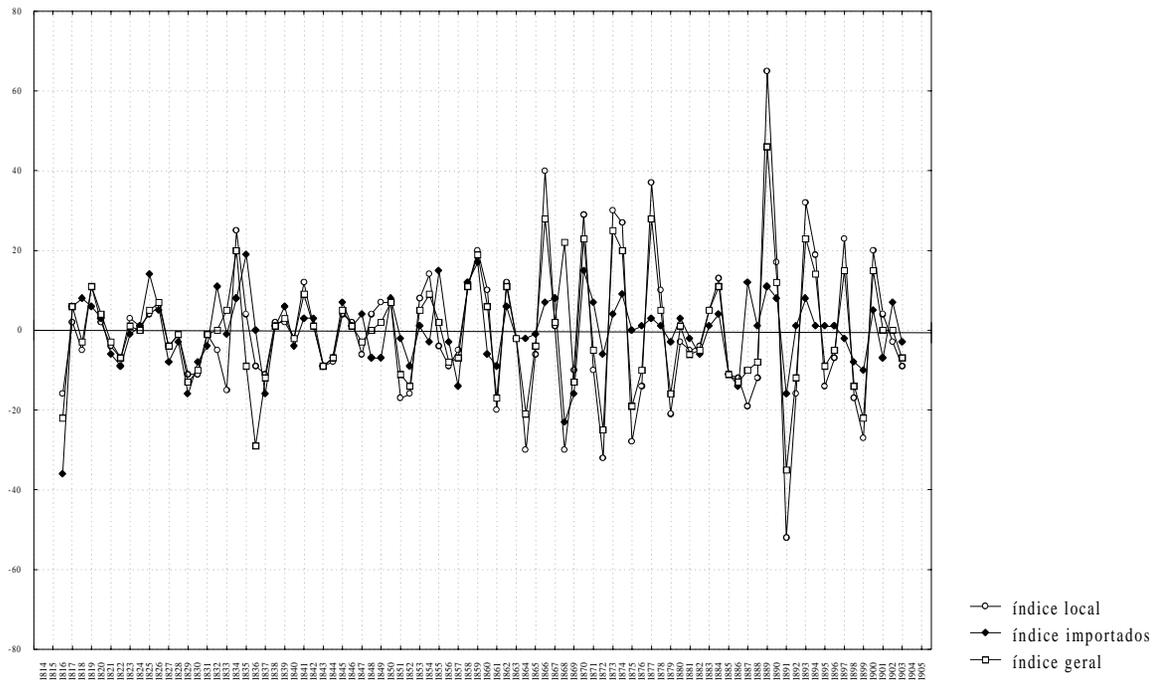


Gráfico 4

DESVIOS ABSOLUTOS DOS ÍNDICES DEFLACIONADOS
1814-1905



Em termos gerais, as flutuações do mercado em São João Del Rei não se diferenciam do movimento dos preços no Rio de Janeiro, pesquisado por Eulália Lobo (Lobo, 1978, p. 232 *et seq.*). O custo de vida no Rio de Janeiro sofreu inflexões de alta, a grosso modo, nos períodos de 1825 a 1830, de 1850 a 1859, 1865 a 1880, 1890 a 1900. A tendência geral dos preços em São João se alinha a essas flutuações, o que significa uma integração ao mercado da cidade portuária e, subsequente, à conjuntura internacional. Com a ressalva de que as mercadorias, na análise desagregada, possuem ritmos próprios, com oscilações em períodos curtos para os produtos de consumo local.

Também as fases A e B dos ciclos Kondratieff (Verley, 1981, p. 28-31; Imbert, 1953, p. 54-61 *apud* Mattoso, 1992b, p. 349-351) coincidem com as flutuações verificadas para São João Del Rei, conforme as médias móveis quinquenais para os preços deflacionados. Apenas o período de alta dos preços de 1829-1873 se inicia de maneira antecipada em 1829 por razões regionais, devido à forte epidemia que assolou os rebanhos de gado vacum em Minas Gerais nos anos de 1829-1834. Portanto, a crise na pecuária mineira repercutiu na alta verificada para os preços entre 1829-1836, quando decrescem até o ano de 1845, sem que essa queda atinja o nível mínimo de 1829.

De 1845 até 1873, a curva de preços assume uma trajetória ascensional, com um interciclo de forte baixa entre 1859-1864, e a partir daí oscila muito até 1877, alternando períodos curtos de alta e baixa.

Outra diferença que podemos notar é a fase de baixa mais prolongada no período de 1874-1899, sendo que nos movimentos Kondratieff, o ano divisório das fases é 1896. Em São João Del Rei, a fase de baixa que se inicia em 1874 só atinge o seu mínimo em 1899, depois de passar por dois períodos de recuperação dos preços, de 1886 a 1889 e de 1891 a 1893. A explicação para a continuidade desta fase b talvez esteja na incidência de fatores como a da instabilidade política e a política recessiva de Campos Sales frente a desvalorização do café no mercado externo.

A concordância entre as conjunturas de preços de São João Del Rei e outras cidades brasileiras nos permite questionar o caráter “natural” ou “viciinal” da economia do Sul de Minas, particularmente na segunda metade do século XIX.

5 CRONOLOGIA DOS QUADROS DE CONJUNTURA

A pontuação das fases da conjuntura de 1814-1905 parece acompanhar os esparsos relatos sobre as dificuldades enfrentadas pelos sanjoanenses.

Como forma de reiterarmos nosso estudo de preços, recolhemos alguns depoimentos locais para compormos a seguinte cronologia:

1814-1829: fase b

– Conjuntura local: Depressão econômica. Declínio da mineração, afetando a economia de vilas da Comarca do Rio das Mortes, como a de São José Del Rei. Situação política conturbada em Minas Gerais durante o processo de Independência do Brasil (1821-1822).

Relatos locais

- **1814 e 1817:** interciclos de curta duração de alta dos preços. Anos de seca rigorosa, acarretando a redução dos rebanhos e fome geral em Minas (Saint-Hilaire, [s.n.t.], p. 315).
- **1820-1826:** interciclo de alta dos preços nominais. Carestia de mantimentos e falta de carne de gado. A Câmara Municipal debate as causas e pede medidas para punição dos atravessadores e seus monopólios (Cintra, [s. d.], v. 1, p.275 e 281; v.2, p. 403).

1829-1836: fase a

– Conjuntura local: Alta de preços e reanimação da agricultura e pecuária regional. Diminuição dos rebanhos bovinos causada por epidemia. Conflitos da Abdicação. Sedição restauradora de 1833 (a “revolução do ano da fumaça”) combatida pela Câmara de São João Del Rei. Participação política dos moderados do Sul de Minas na Regência.

Relatos locais

- **1829-1834:** epidemia que assolou o gado vacum em Minas Gerais, com auge em 1832. Em 1833, a Câmara Municipal recusa-se a atender a solicitação de remessa de alimentos pelas autoridades de Mariana, declarando que a cidade passava por igual situação de falta de gêneros¹³.

13 MINAS GERAIS. Resposta ao Inquérito do Ministério dos Negócios do Império sobre a situação da pecuária em Minas Gerais pela Presidência da Província de Minas Gerais, em 11 de dezembro de 1857. Códice S.P. 655, APM; O Auxiliador da Indústria Nacional, 1860, “A cultura dos mantimentos”, p. 266.

1836-1845: fase b

- Conjuntura local: Depressão econômica. Dificuldade de créditos aos produtores. Revolta Liberal de 1842, envolvendo toda a região e fazendo de São João Del Rei sede dos rebeldes liberais.

Relatos locais

- **1840/1841:** interciclo de alta dos preços por escassez da oferta. Em 1841, diante da carência de gêneros de primeira necessidade, a Câmara Municipal instituiu provisoriamente uma praça de mercado, “ordenando que todos os carreiros e tropeiros se postem no mesmo lugar e aí vendam a miúdo ao povo por 24 horas” (Cintra, [s. d.], v.1, p. 284-285).
- **1842:** O início da revolta liberal em S. João, em maio, paralisou o comércio e os víveres subiram de preço. Com a desarticulação da resistência conservadora e a adesão ao movimento liberal, em junho, restituiria-se “a paz e sossego à cidade consternada”¹⁴.

1845-1860: fase a

- Conjuntura local: período de elevação dos preços, com auge na década de 1850, devido a escassez da colheita e epidemias que dizimaram as criações de suínos. No ano de 1860, uma grande seca afetaria a região. Perda de escravos para a produção cafeeira fluminense.

Relatos locais

- **1853-1855:** epidemias e moléstias atacaram o rebanho suíno, levando os criadores a substituir a suinocultura pela pecuária. Em janeiro de 1854, as comunicações do distrito foram afetadas por uma enchente¹⁵.
- **1855-1857:** alta considerável dos preços, perda de escravos para a cafeicultura fluminense, decadência da agricultura e da criação de suínos, pela queda na colheita de milho¹⁶.

14 O Despertador Mineiro, sábado, 25/06/1842.

15 MINAS GERAIS. Resposta ao Inquérito do Ministério dos Negócios do Império sobre a situação da pecuária em Minas Gerais pela Presidência da Província de Minas Gerais, em 11 de dezembro de 1857. Códice S.P. 655, APM; MINAS GERAIS. Resposta da Câmara Municipal sobre o estado das pontes. São João Del Rei, 28 de fevereiro de 1855.

- **1858:** O presidente da Câmara Municipal atenta para “a permanência do excessivo preço por que se acham...os gêneros alimentícios, e nenhuma probabilidade de que este diminua pela escassez da colheita...”¹⁷.
- **1860:** Ano de seca. O vereador Pereira da Silva pede providências para a melhoria do fornecimento de água potável, “havendo falta quase absoluta de águas potáveis para uso desta população, principalmente na quadra presente, motivada pela grande seca”¹⁸.

1860-1866: fase b

– Conjuntura local: Período de baixa de preços. Regularidade do clima. Encarecimento dos escravos. Criação da casa bancária do capitão Custódio de Almeida Magalhães (1860), em São João Del Rei. O ano de 1864 é de alta pluviosidade, vindo a região a sofrer enchentes. Melhoria dos transportes de mercadorias até São João Del Rei, com o funcionamento da estação de Barra do Piraí da E. F. D. Pedro II, em 1864.

Relatos locais

- **1861:** A Câmara pede melhoria no fornecimento de alimentos aos presos, “visto que presentemente os preços dos gêneros alimentícios são muito razoáveis...”¹⁹.
- **1864:** O relatório das contas e despesas da Câmara assinala gastos relativos às “enchentes consideráveis que têm havido...”²⁰.

16 MINAS GERAIS. Resposta da Comissão nomeada pela Câmara Municipal de São João Del Rei, de 20 de setembro de 1855, para os ofícios relativos a Circular da Exma. Presidência da Província de 12 de junho de 1855. Códice 570, APM; Idem, Resposta da Câmara Municipal de São João Del Rei à Portaria Circular de 4 de novembro de 1856, em 15 de abril de 1857. Códice 655, APM.

17 MINAS GERAIS. Atas das sessões da Câmara Municipal de São João Del Rei (1858-1862), Biblioteca Batista Caetano, ATA/SES/33, f.10.

18 MINAS GERAIS. Atas das sessões da Câmara Municipal de São João Del Rei (1858-1862), Biblioteca Batista Caetano, ATA/SES/33, f. 106, verso.

19 MINAS GERAIS. *Atas das sessões da Câmara Municipal de São João Del Rei (1858-1862)*, Biblioteca Batista Caetano, cx. ATA/SES/33, f.133, verso.

20 MINAS GERAIS. Atas das sessões da Câmara Municipal de São João Del Rei (1862-1865), Biblioteca Batista Caetano, ATA/SES/34, f.109.

- **1864:** declínio das atividades econômicas, queda nos preços dos produtos agrícolas e encarecimento da mão-de-obra escrava²¹.

1866-1875: fase a

– Conjuntura local: alta dos preços. Diversificação das zonas produtoras de alimentos em Minas, como o Triângulo Mineiro e concorrência no mercado carioca e fluminense com outras áreas fornecedoras, como S. Paulo, Goiás, Rio Grande do Sul, arredores e interior do Rio de Janeiro. Novas melhorias no transporte de cargas até São João Del Rei com a confluência, em 1869, da E. F. D. Pedro II e a estrada de rodagem União e Indústria (organizada em 1853).

Relatos locais

- **1867:** Interciclo de baixa (1866-1868). As atividades manufatureiras da cidade estavam em decadência, especialmente a têxtil, e havia muitas casas para alugar e sinais de depreciação das propriedades (Burton, 1941, p.217 e 224).

1875-1884: fase b

– Conjuntura local: Depressão e queda de preço. Em 28 de agosto de 1881 seria inaugurada a Cia. E. F. Oeste de Minas ligando São João Del Rei à E. F. D. Pedro II. O ano de 1870 marca a inversão de tendência do índice de preços dos produtos importados em relação aos produzidos na região, passando a ficar sempre abaixo do índice para os produtos locais. O fato indica a efetiva ligação comercial entre São João Del Rei e o Rio de Janeiro, fortalecendo a sua dependência em relação aos fornecimentos da praça carioca e rompendo a barreira geográfica que servia de proteção às manufaturas regionais.

Relatos locais

- **1877:** Interciclo de alta, em que os preços quase retornam ao nível de 1873, ano em que atingiram o ponto de máximo. O editorial do jornal

21 MINAS GERAIS. Libelo Cível de cobrança de dívida pelo suplicante Dr. João Christostomo Pinto da Fonseca contra o suplicado Francisco Nogueira Vilela, aos 5 de março de 1864. Juízo Municipal da Cidade de São João Del Rei. AMSJDR.

sanjoanense *O Arauto de Minas* pede providências à Câmara Municipal para a escassez e alta dos gêneros alimentícios, como o estabelecimento de uma praça de mercado, centralizando o abastecimento nesse local²².

- **1878:** surto de varíola, ocasionando 52 óbitos na cidade²³.

1884-1891: fase a

– Conjuntura local: momento de expansão dos investimentos em imóveis, manufaturas e as fundações, em 1891, da indústria têxtil Cia. Industrial Sanjoanense e da Cia. Agrícola e Industrial Oeste de Minas (indústria vinícola, agrícola e de cerâmica). Desorganização relativa da produção escravista com a Abolição. A vinda de imigrantes italianos destinados à agricultura de subsistência, com o intuito de melhorar o fornecimento para a cidade.

Relatos locais

- **1886:** Decadência do comércio da cidade, ressentindo-se da falta de numerário²⁴.
- **1888:** Após sete meses da Abolição, o jornal “*A Verdade Política*” observa que muitos ex-escravos se mantêm no trabalho da lavoura, contratados por seus antigos senhores. “O que se notou foi uma pequena diminuição no serviço, mas ... que ativou o movimento imigratório, suprimindo pelo número de operários a quantidade de produção”²⁵.
- **1890-1891:** O jornal “*A Pátria Mineira*” descreve o surto de investimentos em São João Del Rei no decurso daqueles anos, que já reproduzimos anteriormente.
- **1891:** O Encilhamento eleva os preços dos artigos importados do Rio de Janeiro e se verifica uma crise financeira devido à alta especulativa dos juros e escassez de crédito no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais²⁶.

22 *O Arauto de Minas*, São João Del Rei, 28 de setembro de 1878.

23 *O Arauto de Minas*, São João Del Rei, 28 de setembro de 1878 e Cintra ([s. d.], v. 2, p.488).

24 *São João Del Rey*, São João Del Rei, 13 de setembro de 1886.

25 *A Verdade Política*, 6 de dezembro de 1888.

26 *Gazeta Mineira*, São João Del Rei, 31 de maio de 1891.

1891-1900: fase b

– Conjuntura local: Em 1892, o comércio com o Rio de Janeiro é tumultuado pelo levante das fortalezas de Lajes e Santa Cruz, no Rio de Janeiro, pedindo a deposição de Floriano Peixoto. Em 1893 é criado o mercado municipal para escoamento da produção da colônia italiana do Marçal. A cronologia das carestias no Rio de Janeiro, pela integração dos mercados, passa a ter reflexo imediato nos preços de São João Del Rei.

Relatos

- **1892:** Greves e a instabilidade política na Capital Federal desorganizam a administração da E. F. Central do Brasil, fazendo diminuir a chegada de produtos básicos, como o sal e a farinha de trigo, além de elevar-lhes os preços. O comércio sanjoanense havia se tornado dependente das comunicações ferroviárias, conforme salientamos²⁷.

6 AS FLUTUAÇÕES DOS PREÇOS EM SÃO JOÃO DEL REI E AS EXPORTAÇÕES MINEIRAS

A década de 1860 foi de difícil travessia para os fazendeiros de São João Del Rei, que tiveram de enfrentar um período de preços baixos de 1860 até 1868, concomitantemente com a sustentação dos preços dos produtos importados num nível acima dos produtos locais até 1867. Somando-se a este quadro, a dificuldade de reposição da mão-de-obra devido à alta considerável dos preços dos escravos.

Na década seguinte vê-se a retomada dos preços das mercadorias locais até meados de 1870, quando novamente o nível despenca até o ano de 1887, amenizada as perdas pela queda mais acentuada dos preços dos produtos de importação. Esse movimento foi acompanhado pelo preço dos escravos (Graça Filho, 1998, p.266-267), que declinam fortemente na década de oitenta, para voltar aos mesmos níveis da década passada nos últimos anos da escravidão, acompanhando a alta do final do Império.

A fazenda escravista sanjoanense, diferentemente da *plantation*, não tinha como reduzir áreas de monocultura em prol da lavoura de subsistência, com o intuito de diminuir os custos da manutenção da mão-de-obra nos momentos de depressão, tampouco podia compensar as perdas através da conversão cambial de divisas.

²⁷ *Gazeta Mineira*, São João Del Rei, 19 de março de 1892.

Na agricultura mercantil de subsistência a venda dos produtos era imperiosa, mesmo nas conjunturas de baixa dos preços. Tendencialmente, nesses momentos desfavoráveis, ao invés de contrair a área cultivada, a fazenda escravista de alimentos se esforçaria para amenizar as perdas através do aumento da quantidade comercializada, tal como a economia camponesa²⁸.

Uma estratégia adotada pelas unidades produtivas foi a conversão em pasto de áreas dedicadas ao plantio. Indistintamente, as fazendas exerciam ambas atividades, como relata a Câmara Municipal de São João Del Rei²⁹. Na pecuária, a reposição de mão-de-obra era menor, pois se empregava menos braços, mas o manejo do gado exigia a incorporação extensiva de terras. A constatação de que a agricultura vinha perdendo espaço para a criação de gado foi feita pela presidência da província, durante a carestia de 1857:

“...a criação de gado tem crescido nestes últimos anos porque a falta de braços que se vai manifestando em alguns lugares, para os pesados misteres da lavoura tem obrigado a alguns agricultores a dar preferência a criação de gado vacum, cavalari e muar, que depende de menor número de braços e proporciona mais avultados interesses”³⁰.

As fazendas grandes e médias de São João Del Rei eram quase autárquicas, caracterizadas pelo rebanho diversificado, tendas de ofícios manuais e policultura. A demanda externa à unidade se reduzia a poucas mercadorias inexistentes na região, como as ferragens, ferramentas, as peças de cobre para os engenhos, o sal, tecidos finos, a louça, a prataria, o vinho e outros artigos domésticos de menor importância. Isto dotava-as de uma boa aptidão para resistir às conjunturas adversas.

28 Witod Kula observa em sua teorização sobre o agro feudal, que nos períodos de baixa, de maneira diametralmente oposta ao funcionamento do mercado na economia capitalista, o produtor seria obrigado a vender mais para compensar as perdas e obter as mercadorias que não produzia a um preço mais elevado. Ver Kula (1979).

29 ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. *Códice Sp. 570*, Resposta da Comissão nomeada pela Câmara Municipal de São João Del-Rei, em sessão de 10 julho, para os ofícios relativos à circular da Exma. Presidência da Província, São João Del Rei, 12 de junho de 1855.

30 ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. *Códice Sp. 655*. Respostas ao Inquérito sobre a indústria pecuária em Minas Gerais pela Presidência da Província. Ouro Preto, 21 de dezembro de 1857.

Sua lógica de funcionamento era a da colocação de maiores quantidades possíveis de produtos no mercado, particularmente nas conjunturas de baixa de preços. Nesses períodos, a agricultura seria animada por representar uma menor vinculação ao capital mercantil, eliminando dispêndios com o sal, animais e terras. Ao inverso, nas conjunturas de alta, a reposição do plantel de cativos ficava ameaçada e a alternativa para suportar a sua diminuição era a pecuária.

Vejamos, agora, alguns números das exportações mineiras no século XIX e seus comportamentos em relação às flutuações de preços em São João (Tabela 1).

A trajetória das exportações de Minas Gerais, de acordo com o quadro acima, indica um comportamento estável, sem grandes alterações ao longo do século XIX.

Para o período de 1829 a 1836, que consideramos de melhor desempenho para a lavoura de alimentos e a pecuária sanjoanense, não possuímos informações sobre as exportações mineiras. Mas, o toucinho teve um movimento ascensional de 24,5% entre os exercícios de 1818/19 e 1839/40, e de 51,4% entre os exercícios de 1818/19 e 1842/1843. Em comparação, a saída de gado *vacum* decresceu entre os exercícios citados, respectivamente em 18,9% e 26,9%, demonstrando os efeitos prolongados da epidemia que assolou o rebanho bovino em 1829/34.

Apesar de terem um peso reduzido nos valores das exportações mineiras, o milho e o feijão apresentam uma performance de crescimento ao longo do período examinado, especialmente o milho na segunda metade do século XIX.

Podemos dizer que a economia de subsistência de Minas, ainda que não sofra variações de grandes amplitudes durante o século XIX, que lhe atribui um caráter estável, não foi completamente inerte ao movimento dos preços.

Para medirmos a sua capacidade de reação à curva dos preços, o melhor seria compararmos as cifras dos exercício de 1839/40, situado numa fase b, com as do ano de 1850/51, numa fase de alta, antes de se configurar a escassez dos gêneros alimentícios de 1854/59 (“a.carestia de 1858/59”).

Assim, entre os exercícios de 1839/40 e o de 1850/51, o toucinho teve aumentada a sua exportação em 27,5%, o gado *vacum* em 2,2%, as porcadadas em 84,7%, os queijos em 10,1%, algodão em varas na proporção de 83,3%, o fumo em 66,5%. Os grãos mostraram um desempenho negativo. As porcentagens do aumento das porcadadas, do fumo, do algodão em vara e do toucinho não são desprezíveis e demonstram um desempenho satisfatório da economia mineira na década de 1840.

EXPORTAÇÕES DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DE MINAS GERAIS

Mercadorias/exercício	1818/19 ^a	1839/40 ^b	1842/43 ^b	1850/51 ^c	1851/52 ^d	1852/53 ^d	1853/54 ^d	1854/55 ^d	1859/60 ^f	1865/66 ^e	1866/67 ^e	1867/68 ^e	1868/69 ^e	1869/70 ^e	1874/75 ^f
Toucinho e carne salgada (arrobos)	145.478	181.106	220.301	230.943	221.147	250.060	232.610	229.769	172.065	223.968	189.380	207.179	256.804	229.073	160.000
Gado vacuum (cabeças)	62.106	50.370	45.421	51.488	58.823	61.425	68.971	75.020	65.075	58.604	59.495	67.248	64.672	77.952	70.000
Gado cabrum (cabeças)	–	217	363	685	–	–	–	–	1.208	1.258	1.112	685	1.002	864	–
Carneiros (cabeças)	9.153	6.608	7.115	7.930	10.443	12.213	13.309	16.271	9.939	7.870	9.930	7.912	11.236	10.005	10.000
Porcos (cabeças)	40.169	21.547	44.819	39.805	44.993	69.072	47.701	25.412	16.766	42.209	30.163	28.144	36.310	34.462	30.000
Bestas (cabeças)	3.629	394	379	602	–	–	–	–	123	–	–	–	–	–	–
Cavalos (cabeças)	3.057	1.387	1.173	948	–	–	–	–	528	–	–	–	–	–	–
Galinhas (cabeças)	114.654	86.120	78.120	86.665	–	–	–	–	63.883	–	–	–	–	–	–
Queijos (unidades)	1.059.607	399.006	377.239	439.297	–	–	–	–	477.420	480.934	402.490	545.401	619.040	560.375	150.000
Algodão em ramas (arrobos)	91.994	973	243	–	–	–	–	–	–	45.296	21.575	25.829	25.821	35.199	–
Algodão em varas (unidades)	1.242.543	1.023.338	1.247.029	1.875.418	–	–	–	–	–	1.135.743	1.758.324	1.285.682	1.568.265	1.911.058	1.407.344
Fumo (arrobos)	58.647	133.272	154.179	221.931	–	–	–	–	188.491	228.016	225.368	282.089	274.779	275.543	400.000
Açúcar (arrobos)	22.844	5.890	2.007	7.220	–	–	–	–	5.142	10.341	6.578	6.855	15.377	49.628	–
Café (arrobos)	9.739	243.473	263.980	900.264	–	–	–	–	561.462	1.303.748	2.150.304	2.130.992	2.793.555	1.489.373	–
Mantas de algodão (unidades)	11.661	1.393	2.545	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Arroz (alqueires)	70	177	56	328	–	–	–	–	271	420	547	423	440	642	–
Feijão (alqueires)	396	5.127	3.963	2.590	–	–	–	–	5.578	8.725	4.327	4.442	5.581	9.603	–
Milho (alqueires)	433	8.501	6.143	3.327	–	–	–	–	15.403	10.702	18.745	31.976	16.595	13.812	–
Couros de boi (unidades)	877	2.998	6.428	2.963	3.375	5.985	6.386	6.926	–	3.773	2.640	6.870	–	8.477	–
Rapaduras (cargas)	–	9.910	4.195	77.780	–	–	–	–	59.548	94.229	128.159	185.555	185.036	108.519	–

Fontes: a) ESCHWEGE, W. L. von. Notícias e Reflexões Estatísticas da Província de Minas Gerais. Biblioteca Nacional, SMHs, 5, 4, 5 *apud* BROWN, Larissa Virginia. *Internal commerce in a colonial economy: Rio de Janeiro and its hinterland, 1790-1822*. University of Virginia, 1986. (Tese). b) MINAS GERAIS. Relatórios dos presidentes da província de Minas Gerais, 1843 e 1844. Biblioteca Nacional. c) SOARES, Sebastião Ferreira. *Elementos de Estatística*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1865. v.2, p. 307. d) MINAS GERAIS. Resposta ao Inquérito do Ministério dos Negócios do Império sobre a pecuária mineira pela presidência da província de Minas Gerais, Ouro Preto, 21 de dezembro de 1857. APM, Códice SP. 655. e) MINAS GERAIS. Almanak Administrativo, civil e industrial da Província de Minas Gerais do ano de 1874 para servir no de 1875. Ouro Preto, Typ. de J. F. de Paula Castro, 1874. f) MINAS GERAIS. *Almanach Sul Mineiro para 1874*. Campanha, Typ. do Monitor Sul Mineiro, 1874. p. 31-35 *apud* LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil – 1808-1842*. São Paulo: Símbolo, p. 136, [s. d.].

Por outro lado, se compararmos os exercícios de 1850/51 com o de 1868/69, ambos pertencentes a fases de alta dos preços, vemos que pouco se alteram os volumes exportados, apesar do intervalo de duas décadas. Lembrando que a depressão da década de 1860 começava a se reverter.

As exportações de toucinho se elevam em apenas 11,2%, o gado vacum em 25,6%, os suínos decaem em 8,8%, os queijos em 40,9%, o algodão em varas aumenta em 53,2%, o fumo em 23,8%. O melhor desempenho fica para os grãos, com o feijão ampliando suas exportações em 115,5% e o milho em 398,8%. No entanto, eram de pouco valor no total das exportações mineiras e de pequena quantidade.

Uma certa inelasticidade da produção agrícola era própria da economia de tipo antigo, como avisara Labrousse (op. cit., p. 351), e determinava seus lentos progressos. Na economia rural da Comarca do Rio das Mortes não era tão diferente, o aumento da produção acontecia com lentidão devido às condicionantes históricas do baixo nível técnico da produção.

Em nossa opinião, as exportações não sofrem elevações grande de relevância, especialmente na segunda metade do século XIX, pelas características da estrutura produtiva. Nem retrações consideráveis, devido à necessidade de colocação dos produtos no mercado, mesmo a preços pouco compensadores.

7 CONCLUSÃO

Tencionamos concluir nossos argumentos indicando os períodos mais propícios para a estrutura produtiva da região.

É difícil precisar em que proporção os períodos de alta dos preços beneficiaram os produtores e a praça mercantil de São João Del Rei. A conjuntura favorável aos preços dos alimentos de 1829/36, foi em parte impulsionada pela epizootia que acometeu os rebanhos mineiros no mesmo período. Bem como, durante a alta prolongada de 1845/60, tivemos uma epidemia que assolou a criação de suínos entre 1853/55, a escassez na lavoura de grãos e a seca de 1860. Como saber em que grau os preços aumentaram os lucros dos produtores quando, em contrapartida, os resultados da lavoura e da pecuária minguavam?

Os mapas das exportações mineiras confirmam a drástica diminuição das porcadas entre 1854/60, acompanhada pelo declínio das saídas de toucinhos, que se recuperariam durante a alta momentânea de 1865/66. Em com-

pensação, entre os exercícios de 1850/51 e o de 1852/53, antes de se verificarem a escassez de 1858/9 e a epidemia que atacou o rebanho suíno, as exportações mineiras de toucinho aumentaram em 8,28%, o gado em pé de 19,30%, os porcos em 73,53%, os couros de boi em 101,99%. Lembrando que neste primeiro quinquênio da segunda metade do século XIX encontramos um crescimento das riquezas inventariadas.

Em geral, as informações que conseguimos coletar indicam circunstâncias vantajosas para os produtores sanjoanses na primeira metade do século XIX. Temos dois períodos, o de 1829/36 e o de 1845/53, que são bastante favoráveis, apesar dos fatores adversos que citamos.

A elevação brusca de 1858/59, que se deu no interciclo de alta iniciado em 1845, se aparenta mais com as “crises de tipo antigo”, forçada pela diminuição dos rebanhos e más colheitas. Logo em seguida, a superação da queda na produção seria afetada pelo declínio dos preços no primeiro quinquênio de 1860. Portanto, a fase de alta, que começa a se esboçar em 1866 e se interrompe em 1875, foi de lenta recuperação da regressão de 1861-65, cujas repercussões ainda foram sentidas por Richard Burton, em sua viagem de 1867 (Burton, 1941, p. 147 *et seq.*).

No último quartel do século passado, fatores importantes incidiram no fluxo dos preços, como a melhora dos transportes, o que permitiu a manutenção do nível dos preços dos produtos importados sempre abaixo dos produtos locais, visível desde 1870. Mas este momento se caracterizou pela perda de vitalidade da economia sanjoanense.

8 BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Rômulo. Escravidão e cafeicultura em Minas Gerais: o caso da Zona da Mata. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, v. 11, n. 22, p. 113, mar./ago. 1991.

BROWN, Larissa Virginia. *Internal commerce in a colonial economy: Rio de Janeiro and its hinterland, 1790-1822*. University of Virginia, p. 477, 513-514, 1986. (Tese).

BURTON, Richard F. *Viagens aos planaltos do Brasil (1868)*. São Paulo: Nacional, 1941. (Tomo I).

- CAMPOS, Maria Augusta do Amaral. *A marcha da civilização: as vilas oitocentistas de São João Del Rei e São José do Rio das Mortes – 1810/1844*. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, p. 75-76, 1998. (Dissertação).
- CARRATO, José Ferreira. *Igreja, Iluminismo e escolas mineiras coloniais* (notas sobre a cultura da decadência mineira setecentista). São Paulo: Edusp/Nacional, p. 246-247, 1968.
- CASTRO, Hebe Maria Mattos de. *Ao sul da História*. São Paulo: Brasiliense, p. 40-41, 1987.
- CHARTIER, Roger. A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 97-113, 1994.
- CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João Del-Rei*. 2.ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, [s. d.]. 2v.
- COSTA, Iraci del Nero da, SLENES, Robert W., SCHWARTZ, Stuart B. A família escrava em Lorena (1801). *Estudos Econômicos*, São Paulo, IPE-USP, v. 17, n. 2, p. 245 *et seq.*, 1987.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- FLORENTINO, Manolo Garcia. *Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro* (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, p. 47, 1995.
- FRAGOSO, João Luís Ribeiro. *Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- FUNDAÇÃO IBGE. *Estatísticas históricas do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, p. 29, 1986.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 18.ed. São Paulo: Nacional, p. 84-86, 1982.
- GINZBURG, Carlo. O Nome e o Como. In: GINZBURG, Carlo. *Micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1991.
- GIROLETTI, Domingos. *Industrialização de Juiz de Fora (1850 a 1930)*. Juiz de Fora: UFJF, p. 47, 1988.

- GODINHO, Vitorino Magalhães. *Introdução à história econômica*. Lisboa: Livros Horizonte, [s. d.].
- GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *A Princesa do Oeste: elite mercantil e economia de subsistência em São João Del Rei (1831-1888)*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1998. (Tese).
- HAMILTON, Earl J. *El tesoro americano y la revolución de los precios en España, 1501-1650*. Barcelona: Editorial Ariel, 1975.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Metais e pedras preciosas. In: *História Geral da Civilização Brasileira*. 5.ed. São Paulo: Difel, 1982. Tomo I, v. 2, p. 306-307.
- IGLÉSIAS, Francisco. Perspectiva da história econômica de Minas Gerais, 1889-1930. In: Centre National de La Recherche Scientifique. *Colloques Internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique*. Paris: CNRS, 1973. p. 375-389.
- . *Trajetória política do Brasil (1500-1964)*. São Paulo: Cia. das Letras, p. 80, 1993.
- IMBERT, Gaston. *Des mouvements de longue durée Kondratieff*. Aix-en-Provence : La Pensée Universitaire, p. 54-61, 1953.
- KULA, Witold. *Problema y métodos de la historia económica*. Barcelona: Península, 1973.
- . *Teoria económica do sistema feudal*. Lisboa: Presença, 1979.
- LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil – 1808-1842*. São Paulo: Símbolo, p. 133-139, [s. d.].
- LIBBY, Douglas C. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, p. 116-117, 1988.
- LINHARES, Maria Yedda L. O Brasil no século XVIII e a Idade do Ouro: a propósito da problemática da decadência. In: SEMINÁRIO SOBRE A CULTURA MINEIRA NO PERÍODO COLONIAL. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1979. p. 147-171.
- , SILVA, Francisco Carlos T. da. *História da agricultura brasileira: combates e controvérsias*. São Paulo: Brasiliense, p. 115, 1981.

- LOBO, Eulália. *História do Rio de Janeiro* (do capital comercial ao capital industrial e financeiro). Rio de Janeiro: IBMEC, v. 1, p. 232 *et seq.* 1978.
- LUNA, Francisco Vidal, CANO, Wilson. Economia escravista em Minas Gerais. *Cadernos*, IFCH/UNICAMP, n. 10, p. 13, out. 1983.
- , COSTA, Iraci del Nero da. Posse de escravos em São Paulo no início do século XIX. *Estudos Econômicos*, v. 13, n. 1, p. 211-221, jan./abr. 1983.
- LUZ, Nícia Villela, PELÁEZ, Carlos Manuel. Economia e História: o encontro entre os dois campos de conhecimento. *Revista Brasileira de Economia*, FGV, n. 26, v. 3, jul./set. 1972.
- MARINHO, José Antonio Marinho. *História da Revolução de 1842*. Brasília: Senado Federal, p. 287-288, 1978.
- MARTINS, Roberto Borges. Minas e o tráfico de escravos no século XIX, outra vez. [s.n.t].
- , *Growing in silence: the slave economy of nineteenth-century Minas Gerais, Brazil*. Vanderbilt University, 1980. (Tese).
- , *A economia escravista de Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1982.
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia, século XIX: uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 611, 1992a.
- , *Bahia: a cidade do Salvador...*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 349-351, 1992b.
- MAXWELL, Kenneth. *A devassa da devassa; a Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal, 1750-1808*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 110 *et seq.*, 1978.
- MOTTA, José Flávio. *Corpos escravos, vontades livres: posse de cativos e família escrava em Bananal (1801-1829)*. São Paulo: FAPESP/Annablume, p. 128 e 168, 1999.
- PAIVA, Clotilde Andrade, BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. A população e espaço no século XIX mineiro: algumas evidências de dinâmicas diferenciadas. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 7, 1995, Diamantina. *Anais...* Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1995. v. 1, p. 99.

- PAIVA, Clotilde Andrade. *População e economia nas Minas Gerais do século XIX*. São Paulo: FFLCH/USP, p. 137-138, 1996. (Tese).
- PERRUCI, Gadiel. *A República das usinas: um estudo de história social e econômica do Nordeste, 1889-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 162-164, 1978.
- PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 17.ed. São Paulo: Brasiliense, p. 78, 162 e 163, 1981. (Primeira edição em 1942).
- ROCHA, José Joaquim da. *Geografia Histórica da Capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, p.127, 1995.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. p. 315. [s.n.t.].
- SILVA, Vera Alice Cardoso e. Da bateia à enxada: aspectos do sistema servil e da economia mineira em perspectiva, 1800-1870. *Revista do Departamento de História*, Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, n. 6, p. 53, jul. 1988.
- SLENES, Robert W. Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escravista de Minas Gerais no século XIX. *Cadernos*, IFCH/UNICAMP, n. 17, p. 43-63, jun. 1985.
- SOARES, Sebastião Ferreira. *Notas estatísticas sobre a produção agrícola e carestia dos gêneros alimentícios no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Ipea/Inpes, p. 288, 1977.
- TEIXEIRA, Des. José João, Instrução para o governo da Capitania de Minas Gerais – 1780. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ano VIII, p. 502, [s.n.t.].
- VERLEY, Patrick. Quelques extraits d'articles de Kondratieff. *Recherches et Travaux*, Institut d'histoire économique et sociale de l'université de Paris-I, p. 28-31, nov. 1981. (Bolletín n. 10).
- VILAR, Pierre. Para una mejor comprensión entre economistas e historiadores: ¿historia cuantitativa o econometría retrospectiva? In: VILAR, Pierre. *Economía, Derecho, Historia*. Barcelona: Ariel, 1983. p. 58-78.
- ZEMELLA, Mafalda P. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*. 2.ed. São Paulo: HUCITEC/Edusp, p. 221-222, 1990.